

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DOS DISCENTES NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA URBANA – UNIFESSPA

Dionel Barbosa Ferreira Júnior¹, <https://orcid.org/0000-0001-8000-616X>

Marcus Vinicius Mariano Souza², <https://orcid.org/0000-0002-4674-1539>

Robson Alves dos Santos³, <https://orcid.org/0000-0003-4467-8019>

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil*

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá, Pará, Brasil **

³ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá, Pará, Brasil ***

Artigo recebido em 28/06/2022 e aceito em 28/03/2023

RESUMO

O referido estudo tem como motivação inicial as discussões teóricas e práticas promovidas pela disciplina de Geografia Urbana, ofertada no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Essa disciplina teve como objetivo, compreender as bases teóricas do estudo da cidade e do urbano, a fim de permitir uma análise dos processos contemporâneos da dinâmica urbana, destacando como metodologia prática: o Trabalho de Campo, realizado na cidade de Marabá – Pará. O presente artigo reflete uma perspectiva qualitativa e descritiva, subdividida em três momentos: 1) Análise Bibliográfica e Documental; 2) Relato da prática de Campo e 3) Aplicação e Análise dos questionários de opinião, respondidos pelos discentes que participaram do campo. Por meio da prática de campo, espera-se que esta possa contribuir significativamente no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, uma vez que possibilita o desenvolvimento de uma percepção mais crítica para a realidade em que se encontra inserido, compreendendo as relações sociais, políticas e econômicas, que se concretiza e permeia espaço geográfico. Nesse sentido, portanto, o trabalho de campo pode ser compreendido como uma etapa essencial na formação dos discentes em Geografia, ao propiciar as

* Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Mestrando em Geografia na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista CAPES. E-mail: dioneljunior41@gmail.com.

** Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, Professor na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), campus universitário de Marabá, E-mail: marcussoza@unifesspa.edu.br.

***Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Goiás - Goiânia, Professor na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), campus universitário de Marabá, E-mail: robson.geografia@unifesspa.edu.br.

interações dos fenômenos, considerando *locus* na aproximação e sistematização da teoria-prática, além da sua utilização pelos futuros professores de Geografia na perspectiva da educação básica no ensino escolar, trabalhando desde a perspectiva do lugar, do local ao global.

Palavras-chave: trabalho de campo; processo de ensino-aprendizagem; Geografia;

THE IMPORTANCE OF FIELDWORK IN GEOGRAPHY: EXPERIENCES AND PERCEPTIONS OF STUDENTS IN THE DISCIPLINE OF URBAN GEOGRAPHY - UNIFESSPA

ABSTRACT

This study has as its initial motivation the theoretical and practical discussions promoted by the discipline of Urban Geography offered in the Degree in Geography at the Federal University of the South and Southeast of Pará (Unifesspa). This discipline aimed to: understand the theoretical bases of the study of the city and the urban, in order to allow an analysis of contemporary processes of urban dynamics, highlighting as a practical methodology: Field Work, carried out in the city of Marabá - Pará. This article reflects a qualitative and descriptive perspective, divided into three moments: 1) Bibliographic and Documentary Analysis; 2) Report of field practice and 3) Application and analysis of opinion questionnaires, answered by students who participated in the field. Through field practice, it is expected that it can significantly contribute to the teaching-learning process of students, since it enables the development of a more critical perception of the reality in which they are inserted, including social and political relationships. and economic, which materializes and permeates geographic space. In this sense, therefore, fieldwork can be understood as an essential step in the formation of students in Geography, by providing the interactions of phenomena, considering the locus in the approximation and systematization of theory-practice, in addition to its use by future Geography teachers from the perspective of basic education in school teaching, working from the perspective of place, from the local to the global.

Keywords: fieldwork; teaching learning process; Geography.

LA IMPORTANCIA DEL TRABAJO DE CAMPO EN GEOGRAFÍA: EXPERIENCIAS Y PERCEPCIONES DE LOS ESTUDIANTES EN LA DISCIPLINA DE GEOGRAFÍA URBANA - UNIFESSPA

RESUMEN

Este estudio tiene como motivación inicial las discusiones teóricas y prácticas promovidas por la disciplina de Geografía Urbana ofrecida en la Licenciatura en Geografía de la Universidad Federal del Sur y Sudeste de Pará (Unifesspa). Esta disciplina tuvo como objetivo: comprender las bases teóricas del estudio de la ciudad y lo urbano, con el fin de permitir un análisis de los procesos contemporáneos de la dinámica urbana, destacando como metodología práctica: Trabajo de Campo, realizado en la ciudad de Marabá - Pará . Este artículo refleja una perspectiva cualitativa y descriptiva, dividida en tres momentos: 1) Análisis Bibliográfico y Documental; 2) Informe de práctica de campo y 3) Aplicación y

análisis de cuestionarios de opinión, respondidos por estudiantes que participaron en el campo. A través de la práctica de campo, se espera que pueda contribuir significativamente al proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes, ya que posibilita el desarrollo de una percepción más crítica de la realidad en la que están insertos, incluyendo las relaciones sociales, políticas y económicas, que materializa y permea el espacio geográfico. En este sentido, por lo tanto, el trabajo de campo puede ser entendido como un paso esencial en la formación de los estudiantes de Geografía, al proporcionar las interacciones de los fenómenos, considerando el locus en la aproximación y sistematización de la teoría-práctica, además de su uso por la futura Geografía. docentes desde la perspectiva de la educación básica en la enseñanza escolar, trabajando desde la perspectiva del lugar, de lo local a lo global.

Palabras clave: trabajo de campo; proceso de enseñanza-aprendizaje; geografía.

INTRODUÇÃO

Diante da complexidade do trabalho docente, é cada vez mais relevante abordagens e discussões teóricas que envolvam o processo de ensino, respeitando os limites e modos diferentes da aprendizagem de cada aluno/indivíduo. Desse modo, é possível acompanhar as preocupações quanto às práticas de ensino, técnicas, métodos e instrumentos capazes de auxiliar os discentes, pesquisadores e professores, na construção dos conhecimentos diversos. A Ciência Geográfica, por exemplo, tem como um dos seus intuitos, analisar e compreender as relações intrínsecas entre sociedade-natureza, abarcando questões físicas, sociais, econômicos, culturais, políticos e ambientais.

No âmbito da educação geográfica, para além dos livros didáticos usados comumente, outros recursos pedagógicos podem ser utilizados, como por exemplo: o uso de mapas, croquis, maquetes, jogos, globo terrestre e aulas de campo, sendo esse último instrumento pedagógico manuseado e discutido na presente pesquisa. Topolski et al, (2019, p.3.404) dissertam que “[...] constitui-se como uma ferramenta metodológica muito importante que busca promover uma aprendizagem significativa, aliando a consolidação do saber teórico desenvolvido em sala de aula por meio da demonstração prática dos fenômenos geográficos percebidos e vividos no ambiente de vivência dos estudantes.”

Assim sendo, o referido estudo tem como motivação inicial as discussões teóricas e práticas promovidas pela disciplina de Geografia Urbana, ofertada no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa/campus Marabá), especificamente na turma de licenciatura-2020. Essa disciplina teve como objetivo: compreender as bases teóricas do estudo da cidade e do urbano, a fim de permitir uma análise

dos processos contemporâneos da dinâmica urbana, destacando como metodologia prática: o Trabalho de Campo, realizado na cidade de Marabá – Pará. Portanto, a presente pesquisa tem como intuito abordar a importância dessa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem dos futuros professores de Geografia, relatando as experiências e concepções dos graduandos.

METODOLOGIA

O presente artigo reflete uma perspectiva qualitativa e descritiva, subdivida em três momentos: 1) Análise Bibliográfica e Documental; 2) Relato da prática de Campo e 3) Aplicação e Análise dos questionários de opinião, respondidos pelos discentes da disciplina de Geografia Urbana que participaram do campo.

No primeiro tópico - *Trabalho de campo na Geografia: das pesquisas às práticas de ensino* - apresentamos concepções bibliográficas e metodológicas sobre o tema discutido, tendo enquanto embasamento teórico autores como: Alves (1997), Tomita (1999), Alentejano (2006), Lima e Pimenta (2006), Marcos (2006), Azambuja (2012), Carbonell (2012) e Claval (2013). Em seguida, foi realizada uma análise documental do Plano Pedagógico do Curso (PPC) de licenciatura em Geografia da Unifesspa, a fim de compreender as abordagens e finalidades acerca da utilização do trabalho de campo.

O tópico seguinte - *Caminhos percorridos no trabalho de campo na cidade de Marabá – Pará* - foi dedicado ao relato de experiência das etapas vivenciadas, realizado no dia 23 de abril, pelo período da manhã. Nessa parte, foi apontada o planejamento, abrangendo a elaboração de roteiro de campo e explanações dos momentos de parada. Por fim, a última etapa e tópico do trabalho apresentará as concepções pós campo, na qual os discentes responderam um questionário constituído de perguntas-base sobre a utilização desse instrumento de pesquisa e ensino, além das percepções diferentes e transformadoras através desse recurso, considerado de grande relevância para a Geografia.

O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA: DAS PESQUISAS AS PRÁTICAS DE ENSINO

O trabalho de campo é um instrumento/metodologia de pesquisa que acompanha a Geografia desde a sua origem, sendo manuseado por viajantes e naturalistas dos séculos passados, os quais possibilitaram a realização de diversos estudos, corroborando assim na construção e sistematização das bases geográficas enquanto Ciência Moderna. Conforme Alves (1997, p. 85), “Se resgatarmos um pouco da história do pensamento geográfico, atentaremos para o detalhe de que a prática da observação é um recurso imprescindível para os geógrafos das mais distintas gerações e nacionalidades”.

Diante da alusão citada, Azambuja (2012) também contribui ao mencionar a relevância do trabalho de campo para a Geografia Clássica, uma vez que as etapas de observação e descrição se faziam presentes, sendo considerada uma “tradição geográfica”. Cabe frisar que na metade do século XX havia uma espécie de tradição na formação dos geógrafos, na qual estabelecia “[...] o trabalho de campo como a base de toda pesquisa e como condição necessária para a elaboração de uma tese” (CLAVAL, p.91, 2013).

Atualmente o trabalho de campo é um recurso didático amplamente utilizado do ensino superior à educação básica, devido a possibilidade de interligar a teoria abordada em sala de aula, com a prática realizada em atividades de campo. Por meio dessa metodologia, espera-se que haja uma contribuição significativamente no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, uma vez que possibilita o desenvolvimento de uma percepção mais crítica para a realidade vivenciada ao seu redor, e posteriormente ao conhecer outros lugares, compreendendo as relações sociais, políticas e econômicas, que se concretizam e permeiam o espaço geográfico.

Como colocou Marcos (2006, p.06):

Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia. Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (MARCOS, 2006, p.06).

Parafraseando a citação acima, Claval (2013, p.53) enfatiza o planejamento adequado para a realização do(s) trabalho(os) de campo, de modo “a que ele não se transforme numa excursão recreativa sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo de produção do conhecimento.” Pensar o trabalho de campo nessa perspectiva é essencial na desmistificação desse instrumento muita das vezes banalizado, mas essencial para os geógrafos (ALENTEJANO, 2006).

Quando se menciona acerca da prática de campo, logo se associa a “observação” enquanto elemento essencial de análise, antes considerada único recurso exploratório para a compreensão dos diversos espaços. Endlich (2018) elucida a observação como processo fundamental na prática, todavia, ressalta que é preciso ir para além dela, em razão de que nem tudo pode ser apreendido somente observação. Com o passar do tempo, agregaram-se nas metodologias de campo o uso tecnologias digitais, como smartphones para registros audiovisuais, GPS, além de mapas, entrevistas, entre outros recursos.

É fundamental acrescentar que o trabalho de campo para além da sistematização do conhecimento teórico, é uma prática indispensável para o ensino de Geografia, uma vez que permite posteriormente, o levantamento de discussões, opiniões e formulações de novas teorias. Segundo Tomita (1999) ao optar por tal metodologia, deve-se ter em mente que essa atividade é um meio do processo de aprendizagem, e não encarada como um fim, tendo a possibilidade de trazer futuras reflexões em sala de aula.

Na percepção de Lima e Pimenta (2006, p.09) “A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”. Portanto, através dessas bases teóricas é que foi (re)pensado o trabalho de campo na disciplina de Geografia Urbana na Unifesspa. Em uma das competências que se faz presente no Plano Pedagógico do Curso (PPC) de licenciatura em Geografia, ressalta-se a importância de “Planejar, realizar e avaliar atividades de campo referentes à investigação geográfica e produção do conhecimento na área do ensino de Geografia de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares e/ou de forma interdisciplinar” (Unifesspa, 2016, p.31).

O **Art.3º** estabelece que: O currículo do Curso de Licenciatura em Geografia prevê atividades curriculares no formato de oficinas, tópicos temáticos, seminários de aprofundamento e **trabalhos de campo**, visando o desenvolvimento das seguintes habilidades:

Figura 01 – Quadro de habilidades presentes no Plano Pedagógico do Curso de licenciatura em Geografia (2016)

- | |
|---|
| <p>I - Avaliar representações ou tratamentos gráficos e matemático-estatísticos referentes aos fatos, fenômenos e eventos geográficos;</p> <p>II - Elaborar mapas temáticos e outras representações gráficas, saber utilizar informações geográficas voltados à análise e base de Geoprocessamento, tendo em vista aplicação no ensino de Geografia;</p> <p>III - Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais;</p> <p>IV - Identificar, descrever, analisar, compreender e explicar as diferentes práticas e concepções concernentes ao processo de produção social do espaço;</p> <p>V - Propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito de área de atuação do ensino de Geografia;</p> <p>VI - Selecionar a linguagem científica mais adequada para tratar a informação geográfica, considerando suas características e o problema proposto;</p> |
|---|

Fonte: Unifesspa (2016)

A partir dessas discussões abordadas nas leituras e nos documentos curriculares do curso de Geografia da Unifesspa, é que se definiu pelo uso da metodologia do trabalho de campo na disciplina de Geografia Urbana, utilizando esse instrumento enquanto possibilidade da interposição de conhecimentos teóricos para com a realidade empírica vivenciada pelos acadêmicos. Assim, os tópicos a seguir explanam a experiência, etapas e caminhos percorridos pelos alunos durante o trajeto de Trabalho de Campo, realizado na cidade de Marabá – Pará.

CAMINHOS PERCORRIDOS E AS OBSERVAÇÕES NO TRABALHO DE CAMPO NA CIDADE DE MARABÁ- PARÁ.

É possível mesmo que em trajetos curtos, a possibilidade de construir e estimular os alunos à reflexão, desenvolvendo e aguçando a interpretação da realidade de uma visão mais crítica. O espaço geográfico perpassa por intensas transformações em suas paisagens, nas cidades por exemplo, essas modificações tendem a acontecer de maneira rápida e fluída, devido aos diversos interesses que ali se fazem presentes, atendendo aspectos sociais, políticos e econômicos que movimentam as práticas capitalistas. Desse modo, Claval (2004, p.34) aborda a importância dos estudos do espaço citadino, afirmando que

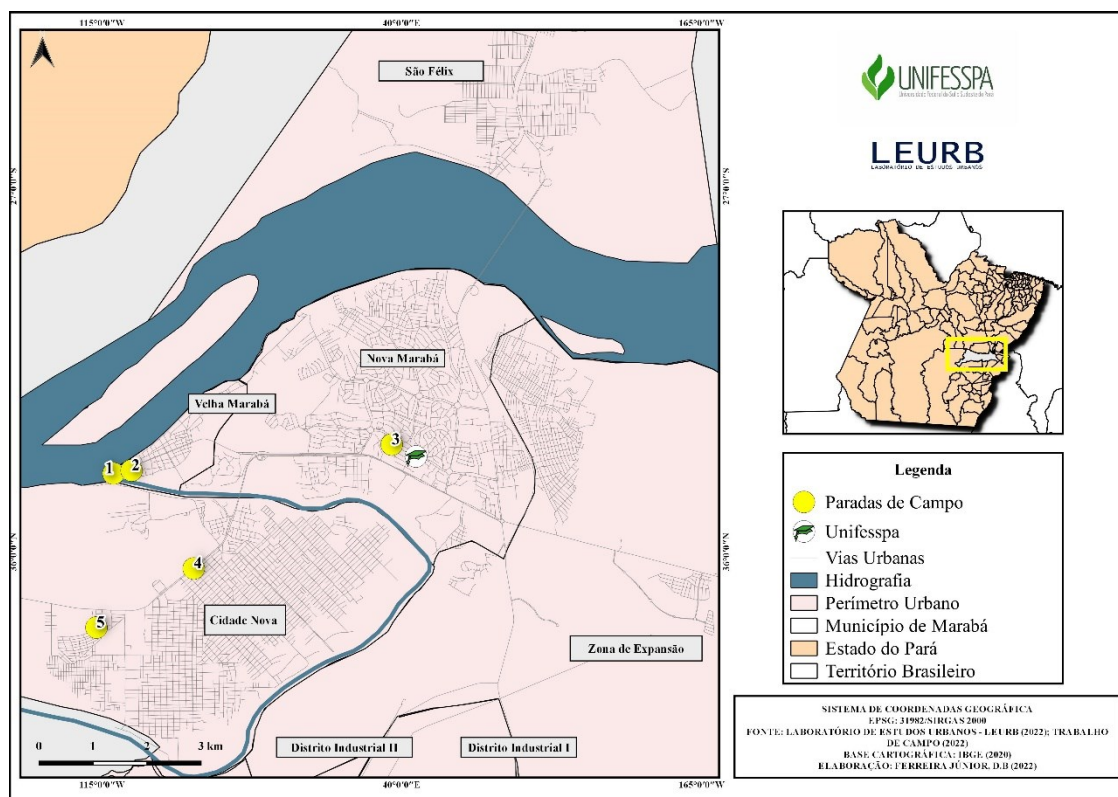
A descrição de paisagens urbanas tais como as descobrimos percorrendo a cidade dá idéia das etapas de sua evolução, mas não explica seu papel, não mostra do que a cidade vive, não permite compreender seus problemas. Passemos do olhar do visitante à perspectiva vertical daquele que dispõe de mapas, fotografias aéreas e pesquisas sobre os hábitos de deslocamentos dos cidadãos. A cidade deixa de aparecer como um caleidoscópio. Tudo se torna claro. (CLAVAL, 2004, p.34)

Em vista disso, Serpa (2006) destaca roteiros/campos elaborados no espaço de convívio dos alunos, trazendo a seguinte pergunta reflexiva: como partir para o trabalho de campo, quando o recorte é “global” ou “regional?”. Seguindo essa concepção, foi escolhida a cidade de Marabá – Pará, para a realização da atividade prática, considerando a aproximação dos alunos para com o município, além de ser em um dos *campi* que o curso de Geografia está localizado. Para a execução do trabalho de campo e suas etapas ao longo do percurso, é que se elaborou um planejamento, mencionando questões sobre trajeto, recursos e abordagens que serão trabalhadas com os alunos.

Desse modo, o percurso estabelecido foi elaborado em 5 etapas/paradas: 1º Encontro dos Rios Tocantins e Itacaiúnas – Bairro Francisco Coelho (Marabá Pioneira); 2ª Parada: Praça Francisco Coelho e praça São Félix de Valois; 3ª Etapa: Praça da Prefeitura - Nova Marabá; 4ª Parada as margens da rodovia transamazônica - Bairro Cidade Nova; 5ª Parada: Loteamento Castanheira Residence.

Como já mencionado anteriormente, o trabalho de campo ocorreu no dia 23 de abril, com a turma de licenciatura em Geografia (2020). Ao todo, a turma é composta por 14 alunos, entretanto, somente 10 puderam participar da dinâmica. Inicialmente, o ponto de partida/encontro para saída a campo se deu na Unifesspa – *campus I*, seguido das paradas planejadas, conforme apresentado no mapa (figura 02) de localização da cidade, contento os locais de observações e discussões provocadas pelo professor regente.

Figura 02 – Mapa de localização da cidade de Marabá – PA contendo as paradas de campo.



Fonte: Autores, 2022.

A primeira parada se deu no “Pontal” (encontro dos rios Tocantins e Itacaiúnas), nesse momento foram levantadas temáticas histórico-geográficas, a fim de abordar o contexto que influenciou no surgimento da cidade, no ano 1898, quando o comerciante Francisco Coelho instalou um barracão comercial, chamado Marabá, cujo nome deu origem a cidade do sudeste paraense (TOURINHO, 1991). Nesse período o rio era a principal via de chegada à cidade, além de ser um meio de escoamento dos produtos extraídos da época ao longo dos diversos ciclos econômicos: caucho, castanha, diamante, entre outros.

Antigamente, a população possuía uma relação mais próxima para com os rios, de acordo com Souza (125, p. 99) “[...] a vida comercial de Marabá estava intimamente ligada aos rios, é natural que a população estivesse concentrada às margens destes durante os primeiros anos de povoamento do local.” Através das observações em campo, foi possível perceber as rugosidades espaciais marcadas nas casas de alguns pontos do núcleo Marabá pioneira. No

segundo momento, os alunos se direcionaram às praças Francisco Coelho e São Félix de Valois (figura 03)

Figura 03 – (A) Praça Francisco Coelho e (B) Praça São Félix de Valois em Marabá – Pará.



Fonte: Autores, 2022.

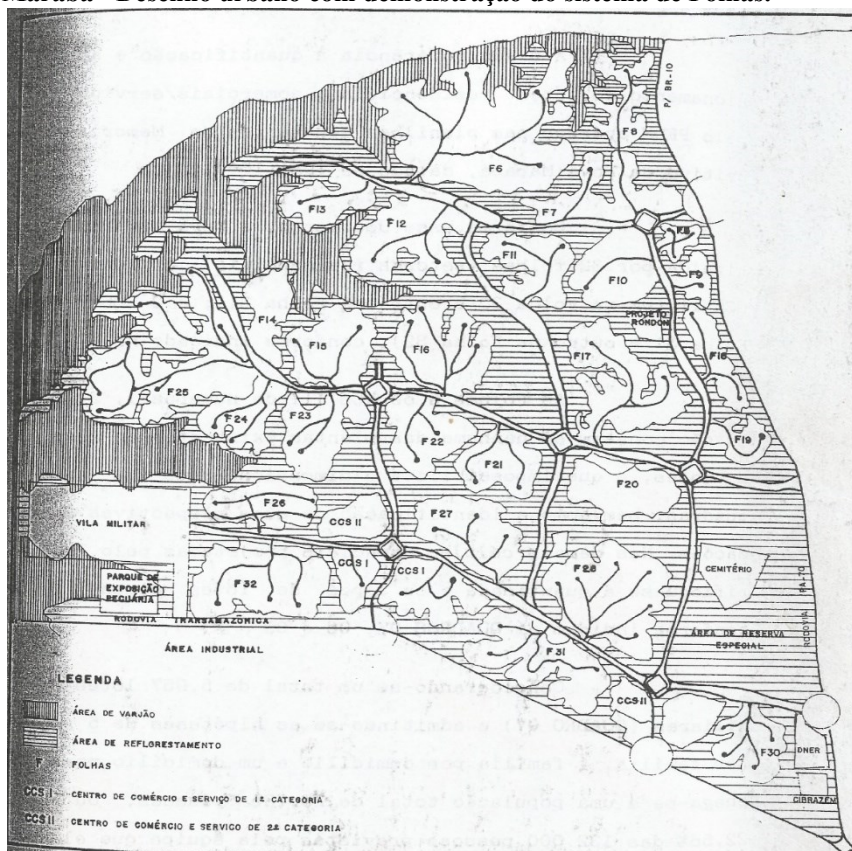
A praça Francisco Coelho (A) localiza-se no bairro com a mesma nomenclatura, - conhecido popularmente como Cabelo Seco – nome que se deu e, homenagem ao militar, comerciante e proxeneta Francisco Coelho da Silva, uma das figuras importantes na fundação do município de Marabá – Pará. A praça também possui sua devida relevância para os moradores, uma vez que próximo a ela se encontra o Núcleo de Educação Infantil (NEI) Deodoro de Mendonça, uma das mais antigas escolas do bairro, que geralmente, utiliza-se da

praça enquanto espaço (pátio) de recreação para os alunos, além de ser um local na qual ocorrem discussões nas reuniões da comunidade.

Na Praça São Félix de Valois (figura 3 - B), a explanação se deu a partir das observações e comparações acerca dos traços culturais do passado x presente, que permeiam no uso e ocupação da orla Sebastião Miranda, que intercala entre área comercial (lazer) e de moradia. A igreja matriz nomeada de São Félix, localizada em frente ao rio, destaca-se por ser um dos elementos característicos nas cidades ribeirinhas da Amazônia, na qual encontravam-se logo à primeira vista de quem chegava pelos rios. Atualmente, a Marabá Pioneira (Velha Marabá) está organizada por conjunto de bairros, como Cabelo Seco e Santa Rita.

A 3ª parada ocorreu no bairro nova Marabá, mais especificamente na praça da prefeitura, nessa etapa foi entregue aos discentes um desenho urbano do núcleo, como um recurso representativo (figura 04), no intuito de elucidar a estruturação do bairro/núcleo inicialmente planejado.

Figura 04 - Marabá - Desenho urbano com demonstração do sistema de Folhas.



Fonte: TOURINHO (1991).

A Nova Marabá, diferentemente da Marabá Pioneira, teve como pauta de criação, dois objetivos - segundo o Plano de Expansão Urbana de Marabá (PEUM) - resolver de forma definitiva os problemas das enchentes da cidade, que afetavam diretamente a Marabá Pioneira, e propiciar um crescimento do município advindo de projetos e empreendimento econômicos (SOUZA, 2015). O PEUM, elaborou uma forma de estruturação da Nova Marabá, buscando representar uma Castanheira, cujas “folhas” são as unidades habitacionais e as vias representam os ‘galhos’, com o objetivo de realizar uma harmonia entre natureza e urbano, como apresentado anteriormente na Figura 04. De acordo com Nascimento (2018, p.142)

A criação deste núcleo visava atender o crescimento geográfico populacional que se consolidava com a migração de grupos vindo para ocupar a região amazônica – período que remete ao slogan da ditadura militar “Integrar para não entregar” – bem como afastar do contexto urbano as enchentes que caracterizam a região (NASCIMENTO, 2018, p.142).

A 4ª e 5ª parada ocorreram respectivamente no bairro/núcleo cidade nova, a primeira às margens da transamazônica (BR-230), com o objetivo de explicar a formação do bairro pela influência da via urbana, considerada a partir de 1970 como principal meio de circulação e escoamento, sobrepondo a relação intrínseca dos rios Tocantins e Itacaiúnas, para com a cidade. As construções às margens da rodovia, se deram devido as relações espaciais desenvolvidas, denominada como o fenômeno urbano da “coesão”, em função da intensa demanda por produtos agropecuários que se instalaram ao longo do tempo, além da presença do Instituto Nacional de Colonização Agrária (INCRA), com o seu processo de ocupação e povoamento ao longo da rodovia.

Na 5ª e última área visitada ainda no bairro, foi abordado acerca das ações dos agentes espaciais sobre o espaço urbano, que influenciou no processo urbano de ocupação desordenada, sendo representados pelas chamadas “invasões”, oriundas da especulação imobiliária e das informações acerca da divisão do estado do Pará e criação do Estado de Carajás, além da acentuada publicidade que se propagava com a possível chegada da empresa Aços Laminados do Pará (ALPA) no município de Marabá. Observou-se também, a zona de expansão e suas alterações ao longo dos tempos, com a chegada de novos empreendimentos imobiliários como

loteamentos e condomínios fechados, destaque para: Mirante do Vale; Mirante Village; Mirante Riviera entre outros.

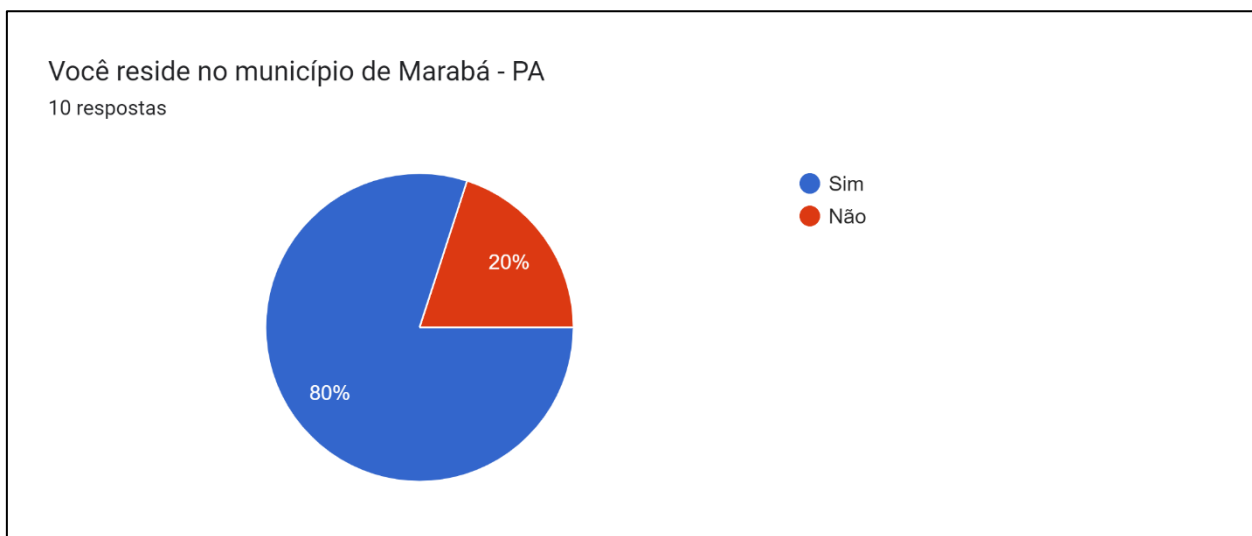
PERCEPÇÕES DOS DISCENTES PÓS TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA URBANA

Após o trabalho de campo, foi solicitado aos alunos, que respondessem algumas questões acerca da realização e percepção sobre a prática desenvolvida na disciplina de Geografia Urbana. A seguir, serão apresentadas as questões elaboradas e posteriormente os seus devidos resultados, explanados em forma de gráficos, respondidos pelos alunos na plataforma do *Google Forms*.

- Você reside no município de Marabá – PA?
- Você já conhecia sobre a formação socioespacial da cidade de Marabá?
- Sua percepção/conhecimento sobre a cidade mudou depois da realização do trabalho de campo?
- Se sua resposta anterior foi afirmativa, escreva um pequeno texto explicando como sua percepção mudou.
- Como você avalia a utilização do trabalho de campo na disciplina de Geografia Urbana
- Foi possível assimilar as discussões teóricas de sala de aula com a realidade através do trabalho de campo?
- Em uma escala linear responda: O quão importante você acha o Trabalho de Campo na formação do Geógrafo?

A primeira questão teve o intuito de saber se os participantes do Trabalho de Campo residem em Marabá (local na qual foi realizado o campo), como podemos ver na Figura 05.

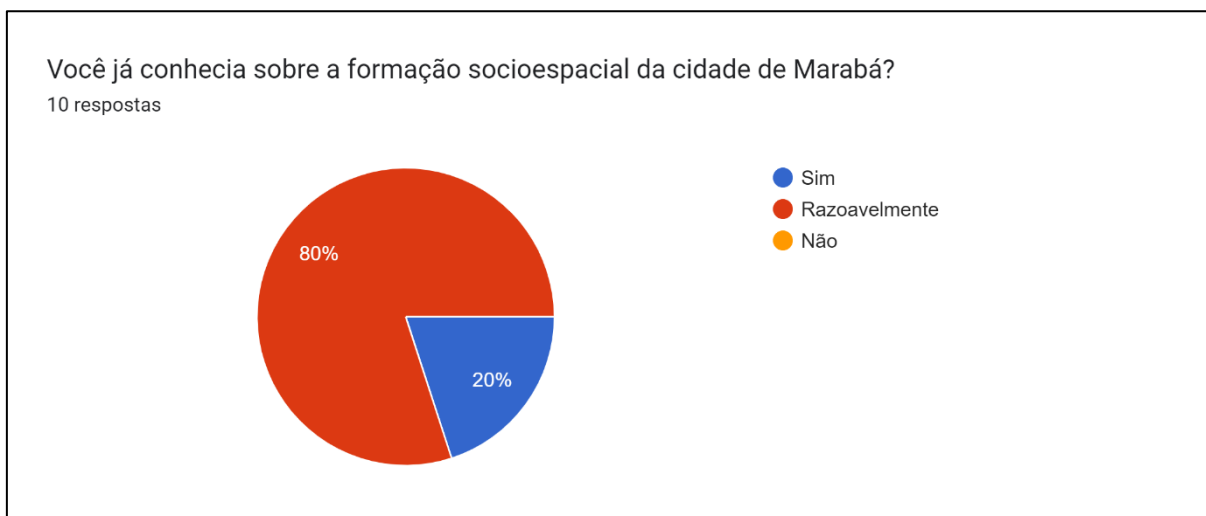
Figura 05 – Cidade em que residem os alunos de Licenciatura em Geografia da Unifesspa – Turma 2020



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2022.

É comum o curso de Geografia da Unifesspa (*campus* Marabá), ter alunos que residem em municípios vizinhos, e realizam o fenômeno chamado de migração pendular, definido por Francellino (2020, p.143) como “[...] deslocamentos diários dos indivíduos para realizar ações de sua vida cotidiana como: trabalhar, estudar, lazer entre outros”. Com base no gráfico acima, podemos afirmar que dos 10 alunos que responderam aos questionários, 8 (80%) afirmaram residir em Marabá, enquanto 2 (20%) alunos fazem o deslocamento diário dos municípios de Itupiranga e Nova Ipixuna, através dos ônibus universitários, cedidos pela prefeitura de ambas as cidades. Esse questionamento, se dá a partir da relação dos discentes para o lugar em que foi realizado o campo, o que nos leva a pergunta e resposta do gráfico/figura (06) a seguir

Figura 06 – Conhecimento sobre o município de Marabá – Pará.



Fonte: Elaborado pelo Autor, 2022.

Quando questionados sobre o conhecimento da formação socioespacial da cidade de Marabá, observa-se que mesmo em sua grande maioria habitando no município, como constatado, houve uma sobreposição acerca da opção *razoavelmente* da história e formação do espaço marabaense, apenas 20% dos estudantes afirmaram ter esse conhecimento, deduzindo-se então a importância de abordar sobre a temática da cidade vivida, podendo ser explorada e problematizada em seus diversos âmbitos, possibilitando diferentes percepções e concepções do espaço citadino.

Nessa perspectiva, perguntou-se sobre a transformação da percepção e conhecimento em relação a cidade após a atividade de campo, obtendo-se uma resposta positiva de 90% dos alunos, o que nos levou a seguinte interrogação: *Se sua resposta anterior foi afirmativa, escreva um pequeno texto explicando como sua percepção mudou?* Desse modo, apresentaremos abaixo, alguns textos construídos pelos alunos¹

Mudou no sentido de conhecer mais sobre a formação socioespacial da cidade de Marabá, a princípio não sabia de fato como a cidade se constituiu, a história dos seus principais bairros, processo de urbanização, dinâmica de cada um, quais são os atores/agentes que fazem parte desse processo e qual a importância que ela tem em um contexto regional e até nacional. (Discente 1)

Eu tinha uma visão básica da cidade. Por não ter nascido nela.. algumas de suas partes ainda são desconhecidas pra mim. Todavia, com o trabalho de campo e a abordagem do professor com relação ao município de Marabá, foi possível desenvolver um conhecimento mais amplo e sócio-espacial da cidade onde hoje sou moradora. (Discente 2)

¹ As falas foram transcritas de maneira fiel conforme respondida pelos discentes.

A importância exercida pelos rios na formação socioespacial da cidade, bem como o papel da rodovia transamazônica na integração da cidade com as demais regiões, além das ações promovidas pelos agentes de transformação do espaço urbano na cidade de Marabá, o que mais chama a atenção é a segregação, seja ela induzida, ou seja ela autosegregada. (Discente 3)

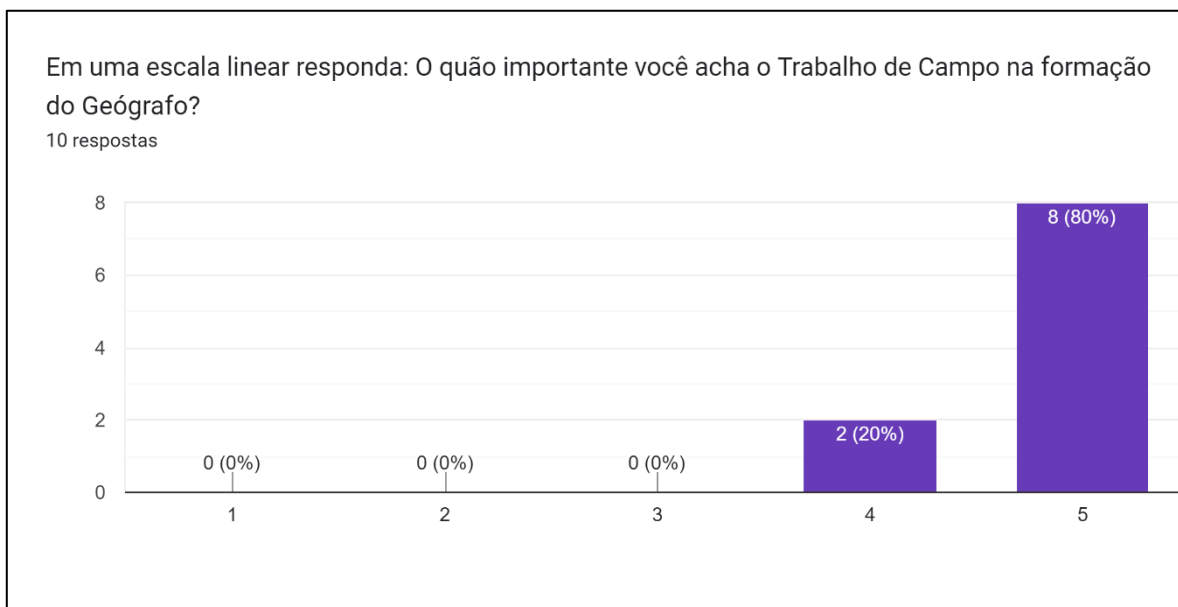
Passei a observar melhor sobre os agentes espaciais. (Discente 4)

As falas reproduzidas pelos discentes de maneira escrita, comprovaram o quanto foi satisfatória a realização do trabalho de campo na cidade de convívio e moradia. O roteiro percorrido e os assuntos abordados possibilitaram novos conhecimentos acerca da formação socioespacial do município, desde os processos que corroboraram na criação dos bairros, até os agentes urbanos que influenciaram (e perpetuam) na dinâmica sociocultural, política e econômica. A atividade de campo, apresentou-se relevante enquanto metodologia a ser trabalhada para além do âmbito escolar, propiciando o desenvolvimento de um pensamento e olhar crítico para com a realidade em que estão inseridos, ressaltando ainda, que esses licenciandos em Geografia serão responsáveis pela formação de futuros cidadãos, atuantes no espaço urbano.

Outras duas perguntas sintetizaram e apresentaram as concepções a respeito da utilização do trabalho de campo enquanto ferramenta de pesquisa e ensino, quando questionados por exemplo, *qual avaliação que estes davam para a atividade de campo realizada na disciplina de Geografia urbana*, obteve-se então uma resposta de 80% “ótima” e 20% “boa”, revelando então a eficiência desse instrumento em práticas voltadas para a compreensão do ensino de cidade e do urbano, objetivo esse principal da disciplina. Um dos maiores desafios no trabalho de campo se dá na assimilação dos conteúdos teóricos (em sala de aula) com a realidade (prática de campo), enaltecendo a importância dessas duas etapas no processo de ensino-aprendizagem. Ao serem indagados se *Foi possível assimilar as discussões teóricas de sala de aula com a realidade através do trabalho de campo?* Todos os discentes afirmaram conseguir interligar e compreender as concepções teóricas na atividade de campo.

Por fim, outro questionamento relevante foi a respeito na visão destes alunos sobre o trabalho de campo para/na formação do Geógrafo (ver Figura 8)

Figura 08 – Importância do Trabalho de Campo para/na formação do Geógrafo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

É essencial atividades que envolvam áreas externas à sala de aula, como o trabalho de campo na Geografia, que possui como base a possibilidade de desenvolver a observação e análise dos diferentes espaços. À vista disso, o gráfico acima expõe através de uma escala linear de 1 à 5, a relevância dessa metodologia na formação do geógrafo, na qual o quanto mais próximo do número 1, menor é a sua importância e mais próximo do 5 maior o grau de destaque, o que nos revelou através das respostas dos alunos o nº 5, escolhido por 80% da turma, seguido pelo nº 4, correspondente aos 20% restante. Deste modo, a realização das atividades de campo não deve ser rotulada como prática de lazer ou como mais um trabalho de campo, e sim como uma ferramenta de grande valia para a formação dos discentes em geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que nesse ensaio o trabalho de campo é um momento essencial tanto para a pesquisa geográfica, usada em coleta de dados, quanto no processo de ensino-aprendizagem, indispensável na associação entre teoria e prática. É através dessa metodologia que os alunos podem desenvolver a capacidade de compreender, organizar, sistematizar, explicar e produzir conhecimento, seja ele geográfico ou de outras áreas. O processo formativo requer cada vez mais

do professor, o manuseio e articulação para com os saberes pedagógicos, a fim de transcender um conhecimento muita das vezes enclausurado a quatro paredes.

Dessa forma, constatou-se no PPC (Unifesspa, 2016, p.35) do curso de licenciatura em Geografia da Unifesspa o enfoque pedagógico, constituído de competências e habilidades, partindo enquanto pressuposto, “(a) utilizar espaços diversificados de aula em que as práticas docentes não estejam centradas apenas na sala de aula.” Com base nas atividades desenvolvidas, os resultados nos apontaram discussões teóricas, procedimentos empíricos e as concepções dos alunos a respeito do campo desenvolvido, evidenciando a importância das análises e estudos através da utilização desse recurso, além de nos mostrar o grau de relevância em trabalhos que partem da escala local, valorizando os saberes de vivências e experiências dos alunos, posteriormente sendo ampliado para níveis regionais e/ou nacionais.

Observou-se, que os conteúdos, as leituras e discussões em sala de aula antes de ir a campo norteiam o trabalho, levantando pelos alunos hipóteses e problemas a serem comprovados e/ou discutido na experiência vivida em campo. Portanto, o trabalho de campo pode ser compreendido como uma etapa essencial na formação dos discentes em Geografia, ao propiciar as interações dos fenômenos, considerando *lôcus* na aproximação e sistematização da teoria-prática, além da sua utilização pelos futuros professores de Geografia na perspectiva da educação básica no ensino escolar, trabalhando desde a perspectiva do lugar, do local ao global.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; DE ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 51-68, 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/727>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ALVES, V. E. L. Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 1, n. 2, p. 85-89, 1997. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.1997.123246. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123246>. Acesso em: 27 jun. 2022

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 181-195, 2002. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/search/search?csrfToken=2dee355a641c61c7bffffd90a8778781f&query=azambuja> >. Acesso em 28 maio.2022.

CLAVAL, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 13-74.

CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confin**s. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia, n. 17, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confin/12414#tocto1n5>. Acesso em: 27 jun. 2022

ENDLICH, Angela Maria. Campeando em cidades: geografia urbana e trabalho de campo. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE/UEM)**, v. 10, n. 2, p. 60-77, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49409>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

FRANCELLINO, Rebello Lima Sandra. (2020). Migração pendular de estudantes universitários na região de Aquidauana - Mato Grosso do Sul- Brasil. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**. Disponível em: <<http://www.unilim.fr/trahs/2395>>. Acesso em 24 junho. 2022.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 11 jun. 2022.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante. IN: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, n. 84, p. 105 – 136, 2006. Disponível em: < www.agbsaopaulo.org.br/ >. Acesso em: 7 abr. 2022

NASCIMENTO, Cinthya Marques. Uma coleção de castanheiras possíveis. **Arteriais**. v.4, n. 7. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgates/article/view/6937>. Acesso em: 16 de mar. 2023.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 1, n. 84, p. 7-24, 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/725>. Acesso em: 02 de jun. 2022.

SOUZA, Marcus Vinicius Mariano de. O Projeto Alpa e a produção do espaço urbano em Marabá (PA): a cidade-mercadoria e as desigualdades socioespaciais. 2015. 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13 - 15, jun. 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/issue/view/694>>. Acesso em 28 maio.2022.

TOPOLSKI, Chilavert; BUDKE, Bárbara Jayne; GENGNAGEL, Claudinei Lucimar. O trabalho de campo como metodologia para o ensino de geografia: do ensino superior a educação básica. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3395-3405, 2019.

TOURINHO, Helena Lúcia Zagury. **Planejamento urbano em área de fronteira econômica: o caso de Marabá**. 482f. 1991. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1991.

UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará). Plano Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Geografia. 2016.